

**NO CORPO WHEY PROTEIN DE FALSOS HETEROS AS GAYS “BARBIES”  
RECHAÇAM O CORPO FEMINIL DAS GAYS “PINTOSAS” PASSIVAS**

Damião Rocha - UFT1

**Resumo:** Por efeito de denegação de gênero até então os “falsos héteros” masculinizados que assumiam um papel sexual ativo com outros homens e, portanto, penetravam e não eram penetrados não se consideravam gays. A Saúde até os classifica como os HSH. Pode “comer”, beijar na boca, não, é muita viadagem! Esses estereótipos até então considerados típicos entre os “falsos héteros” passam agora a ser (re)presentados no/do corpo das gays que se performatizam de “barbies”. Apresentar um corpo não definido pelos exercícios físicos e em carência de suplementos alimentares a exemplo do “Whey Protein” e com trejeitos e atributos feminizados passa a ser rechaçado no circuito gay. Retratamos a observação participante, subjetiva e empírica vinculada ao Programa PPGE/UFT, das gays femininas, “pintosas” e passivas que são discriminadas pelas outras gays “barbies”, na amostragem de Palmas - TO. Se quer debater a “homofobia particular” (BORRILLO, 2010) no meio LGBTTT nos espaços públicos e de sociabilidade: bares, boates e demais espaços de “pegação” gay, no entorno da indagação: será que é em função dos corpos mutantes, voláteis, sarados, lisos e glorificados (COUTO, 2007, 2011, 2012) que essa discriminação ocorre? Ou o corpo é apenas um “corpo cenário” (SANTAELLA, 2004, 2008) na questão da homofobia no meio LGBTTT?

**Palavras-Chave:** Corpo. Pessoas LGBTTT. Homofobia.

**Abstract:** On the effect of denial until then the "straights false" masculinized who took an active sexual role with men and therefore were not pierced and penetrated did not consider themselves gay. Health to the ranks as MSM. You can "eat" kissing on the mouth, there is a lot of viadagem! These stereotypes hitherto considered common among the "straights false" now become (re) presentados in / body of gays that performatizam of "barbies". Presenting a body not defined by physical exercise and lack of dietary supplements such as the "Whey Protein" and grimaces and feminized attributes shall be rejected in the gay circuit. Portrayed participant observation, subjective and empirical linked to PPGE Program / UFT, the female gays, "pintosas" and liabilities that are broken down by other gays "barbies" in Palmas sampling - TO. If you want to discuss the particular "homophobia" (Borrillo, 2010) in the middle LGBTTT in public spaces and sociability: bars, nightclubs and other places of "cruising" gay, surrounding the question: is it a function of the mutant bodies, volatile, healed, smooth and glorified (COUTO, 2007, 2011, 2012) that such discrimination occurs? Or the body is just a "setting body" (Santaella, 2004, 2008) on the issue of homophobia in the middle LGBTTT?

**Keywords:** Body. LGBT people. Homophobia.

---

1 Doutor em Educação pela UFBA. Mestre em Educação pela UFG. Sócio Anped/SBPC. Líder do Grupo de Pesquisa em Currículo. Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação (PPGE/UFT). Professor Adjunto do Curso de Pedagogia da UFT. *email:* damiao@uft.edu.br.

## 1. Expondo nu o corpo.

Corpo do tipo definido, sarado, com camiseta *T-shirt* que deixam músculos dos braços, ombros, peitoral e barriga à mostra, é cada vez mais a obsessão de muitos gays nos espaços de sociabilidade: bares, *boates* e demais espaços de “pegação” gay em Palmas.

Nessa abordagem sobre o corpo, observamos uma espécie de “vigorexia” ocorrendo, principalmente, para aqueles que entendem que seus corpos performatizados vistos nos seus espelhos, ainda não lhes

satisfazem, e procuram através de exercícios físicos e suplementação nutricional, ficarem mais e mais fortes e vigorosos. É como se na atualidade “Manter o corpo parado passa a ser vergonhoso, sinal de desleixo, falta de amor a si” (COUTO, 2011: 171).

## 2. Ser gay em Palmas, e pode?!

Tratamos da sociabilidade gay na cidade de Palmas e neste contexto a homofobia velada ou consentida no meio LGBTT, uma vez que se tem discutido a homofobia geral e aparentemente pouco se tem investigado a homofobia específica, principalmente, em relação às gays “pintosas” passivas.

Ao abordarmos a sociabilidade gay com destaque para o “corpo remodelado” (manipulado esteticamente em sua superfície com técnicas de aprimoramento físico), nossa observação participante, foca dois locais de baladas gays em Palmas no período de 2012 a 2014.

Na amostragem, observou-se o quanto a linguagem, a fala, assume literalmente sua função conativa ou apelativa, influenciando e persuadindo com verbos, vocativos, expressões, gírias imperativas. Pela linguagem se anuncia, pronuncia, faz delação do homossexual passivo, a exemplo de “*pédé*” ou “*enculé*” que na tradução literal significa “o

Mister Gay Pride Brasil 2015. Rodolfo Marins (RJ) recebe faixa de Rodrigo Pereira



Fonte: Domínio público

indivíduo que é penetrado pelo ânus”. Decorre desse fato a ideia de que “ser passivo” numa relação sexual ou afetiva, é humilhante. “Ser passivo” sexualmente, é sofrer ou ser objeto de uma ação ultrajante, é insulto, ofensa.

A caracterização do corpo do passivo por aspectos que sugerem fragilidade e delicadeza parecem justificar se “comer” “ativamente” o seu dono. E nesse caso, o corpo másculo tornar-se o parâmetro para *scanner* e rastreamento do nível de “passividade” do corpo tornado feminino. Os corpos,

imaculadamente lisos e sem defeitos interpela-nos pelos quatro cantos: nas capas de revistas e seus interiores, nos *outdoors*, nos programas televisivos e nas publicidades que os acompanham, nas telas do cinema, enfim, são corpos que nos espreitam para saltar diante do nosso olhar em todos os lugares. É tal a força subliminar dessas imagens que, mesmo quando se tem consciência do poder que elas exercem sobre o desejo, não se está livre de sua influência inconsciente (SANTAELLA, 2004: 130).

O corpo tornou-se cenário midiático, em especial, no momento em que as redes sociais se tornaram dispositivo de sociabilidade por excelência. O manda “*nudes*”, o enviando “*nudes*” nos aplicativos e *SMS* das redes sociais e sua repercussão, são exemplos da explosão de como o corpo tornou-se, por si só, referência também de sociabilidade. Ou ainda, parafraseando Couto (2015), o corpo está fora do sexo, ou o sexo fora do corpo, na discussão por ele apresentada de alguns resultados de uma pesquisa qualitativa realizada com cinco “garotos de programa” de Salvador.

O argumento principal desenvolvido aqui é o de que vivemos uma época em que o sexo já está fora do sexo, em que o embate físico e emocional em busca da excitação e do gozo não se dá mais no corpo propriamente dito, mas nas representações e negociações corporais, que produzem outros estados e pedagogias eróticas (COUTO, 2015: 8).

Há vários aplicativos para encontrar pares de sexo casual entre amigos nas redes sociais. Através de um aparelho móvel, o *GPS* de um *APP* com 311 milhões de usuários, mostra a sua localização, mostra as pessoas que estão perto de si, se te adicionou como favorita, as pessoas com quem se cruzou na vida real, enfim, pode-se acessar literalmente o favorito.



Fonte: Domínio público

Nas redes de relacionamentos *online* é razoavelmente simples a acessibilidade. Preenchem-se alguns *boxes* de informações fidedignas ou não, sobre: orientação sexual, cor do cabelo e dos olhos, cidade, estado civil, peso e altura, cor da pele, quantidade de pelos no corpo, tamanho do pênis, estilo do corpo (magro, normal, definido, musculoso, gordinho, obeso e “prefiro não dizer”) que está lançada a navegação em busca de um corpo. Com o procedimento “sobre mim” e “procuro por” a busca está iniciada.

Apesar de concordarmos que as conexões digitais têm se tornado um espaço de sociabilidade gay, a exemplo dos bares e locais de “pegação” e “flerte”, o trabalho busca retratar a sociabilidade no “corpo a corpo” em Palmas, devido às características sociais e culturais desse território e também como categoria de pesquisa na pós-graduação em educação da UFT, incluindo a questão da diversidade sexual e de gênero.

### 3. A “pegação” corpo a corpo, ou não!

Ao nos voltarmos para Palmas, lócus de nossa amostragem, é importante refletirmos o contexto da sua implantação em 1989, como capital do Estado.

O plano de uma cidade moderna e urbanizada prossegue em execução até os dias de hoje, com áreas industriais, comerciais e residenciais bem demarcadas, estrutura favorável ao desenvolvimento do comércio como proposta da economia neoliberal pregada pelos criadores do Estado. Esse “nascimento a partir do nada” confere a Palmas sua marca mais forte: a mistura de pessoas das mais variadas partes do país e do interior do Estado, desde os chamados pioneiros até as massas de migrantes contemporâneos, atraídos pela promessa de oportunidades tanto para negócios, trabalho, educação e moradia. Paralelo a isso, há a evidente contradição (negativa ou não) de um desenho moderno (à moda de Brasília), mas ainda inacabado e salpicado por amplos espaços de cerrado que um dia darão lugar a quadras residenciais; um ambiente pensado para ser cosmopolita, mas coabitado pelo conservadorismo do Brasil mais profundo e interiorano (Soares e Souza, 2011: 7).

Devido a esse contexto urbano-espacial de Palmas, o trabalho quer repercutir o diálogo com as teorias da diversidade sexual e de gênero, as experiências dos espaços

de sociabilidade gay que emergem dos lugares, sítios e espaços das cidades que envolvem seus agentes, suas formas de interação, exclusão e inclusão nos grupos, prédios, *shopping*, praças, ruas, bares, *boates* e demais espaços de “pegação” gay.

Vivemos em uma época que acelera o prazer diante das confusões de gênero, da diversidade sexual e da indiferença do sexo como gozo (COUTO, 2012). Assim como os corpos, as sexualidades também não cessam de ser construídas. Fronteiras tradicionais, antes tão demarcadas e assumidas, como homem e mulher, heterossexualidade e homossexualidade, ativo e passivo, se misturam e muitas vezes se dissolvem (COUTO, 2015: 10).

Cada vez mais se forja uma cultura de consumo de sexo, em que parece que a performance sexual descartou a êxtase e instaurou leveza, velocidade, novidade e variedade no consumidor de sexo. Aparentemente na sociedade de hiperconsumo, o *homo sexualis*, liberto da repressão reconhece,

[...] a sua dificuldade em amar a mesma pessoa “para toda a vida”. Relativamente a este aspecto, a situação mais frequente não é o sexo pelo sexo e o aumento relativo dos parceiros sexuais, mas a multiplicação das próprias histórias amorosas. Por um lado, o ideal amoroso constitui um obstáculo ao consumo-mundo; por outro, a vida sentimental tende a acompanhar a temporalidade efêmera e acelerada do hiperconsumo (LIPOVETSKY, 2007: 12).

A lógica do individualismo parece nos informar que o indivíduo hoje é tudo. A miséria sexual é persistente e o desejo de ter tudo nunca é saciado, incluindo o corpo do desejo, a exemplo das *barbies* que parecem desacelerar a “aventura sexual, sustentada pela tirania da ereção permanente, e mais jogos poéticos e delicados que misturam a exaltação e adoração do corpo convertido ele mesmo em delírio sexual” como afirmaria Lipovetsky (2006) citado por Couto (2015: 12).

Comumente temos associado a cultura gay, mesmo que de forma estereotipada, a termos como: fecheação, *glitter*, babado, *fashion*, cult. Ou *boate*, bar, sauna, pegação, dança eletrônica frenética, ferveção, *go-go boys*, *go-go girl*, *affair*, *drag*. Faria parte também a performance, o encantamento pelo brilho, pelas divas, pela música.

A cultura gay parece (re)presentada na mídia, ora pela alegria, diversão, o bom humor, ora pela ousadia, transgressão, subversão, ambiguidade e ironia. Todavia, estamos a tratar de dois grupamentos de sujeitos: a das *gays barbies* que convivem e fazem sexo com os chamados “ativos” (falsos héteros) e não querem ser identificadas como gays, pelo menos como “gays pintosas” que são por elas rechaçadas.

Serginho, participante do Big Brother 10



Fonte: Domínio público

Se por um lado essa questão chama-nos a atenção para as práticas homofóbicas veladas ou consentidas no meio gay por aquelas gays que não querem ser identificadas com as gays “pintosas”, por outro; reforçam assim a questão da denegação de gênero. Seria apenas em função de seus corpos?

Nesse sentido a denegação de gênero contrapõe-se ao *fashion week* midiático, dado que a homofobia se alimenta da inferiorização e da

desumanização: “desumanizar o outro e torná-lo inexoravelmente diferente” (Borrillo, 2010: 9), implicam as práticas de constituição do sujeito de direitos.

[...] O homem é, portanto, uma espécie de artefato e, como tal, ele corre sempre o risco de ser defeituoso. A carência mais grave do maquinismo destinado a fabricar a virilidade é a produção de um veado [*pédé*]. Ser homem significa ser rude (e até mesmo grosseiro), competitivo, bagunceiro; ser homem implica menosprezar as mulheres e detestar os homossexuais. O caráter mais evidente da masculinidade permanece a heterossexualidade: “Após a dissociação da mãe (não sou seu neném) e a dissociação radical em relação ao sexo feminino (não sou uma moça), o rapaz deve provar (a si mesmo) que não é homossexual, portanto, que evita desejar outros homens ou ser desejado por estes” (BADINTER, 1992, p. 149). Fortalecer a homofobia é, portanto, um mecanismo essencial do caráter masculino, porque ela permite recalcar o medo enrustido do desejo homossexual (BORRILLO, 2010: 89).

Considerando que a heteronormatividade implica a denegação de gênero, como ser gay em Palmas com poucos espaços de sociabilidade? Que espaços o gay dispõe para reafirmar sua posição de sujeito e enfrentar a denegação, visto que nos ambientes gays existentes já ocorrem a homofobia específica de gays contra gays?

#### **4. A boate, o bar e, não tem mais nada!**

O gay em Palmas possui poucos espaços de sociabilidade. Não há saunas, cinemas pornôs, apenas um *pub* (Laterna) e uma *boate* gay (*The Cave*). Existem dois

cinemas nos *shoppings centers*, seis hotéis, com normas e regras próprias de convivência heteronormativas, além de um parque e quatro praias de água doce.

O bar e a *boate* fecham durante as festas de final de ano e nas férias escolares. As praias são mais frequentadas apenas no mês de julho, temporada de estiagem, do sol e das férias.

Rainer Cadete, ator interpretando Visky em *Verdades Secretas*



Fonte: Domínio público

A mídia agenda a denegação de gênero e a falta de espaços de sociabilidade contribuem para que aconteçam atitudes que repelem, interditam, mesmo entre gays, os chamados “afeminados” (aquele que não tem ou perdeu os modos viris, o homossexual masculino), ou as “pintosas” passivas. Sem

espaços de conviver, de se ver, de se confrontar, não há visibilidade; e os poucos espaços públicos que tem, são segmentados e segregacionistas, o que reforça ainda mais os cerceamentos.

Para um homem heterossexual, confrontar-se com um homem efeminado desperta a angústia em relação às características femininas de sua própria personalidade; tanto mais que esta teve de construir-se em oposição à sensibilidade, à passividade, à vulnerabilidade e à ternura, enquanto atributos do “sexo frágil”. Nesse sentido, um grande número de homens que assumem um papel ativo na relação sexual com outros homens na realidade, em vez do sexo do parceiro, a passividade é que, para eles, determina o pertencimento ao gênero masculino. O fato de ser penetrado aparece, assim, como o caráter próprio do sexo feminino; essa passividade, vivenciada como uma feminização, é suscetível de tornar o sujeito efetivamente homossexual. Em compensação, ao adotar o papel ativo, o indivíduo não traiçoa seu gênero e, por conseguinte, não corre o risco de tornar-se “pédé”. No entanto, é insuficiente ser ativo: ainda é necessário que essa penetração não seja acompanhada de afeto, porque essa atitude poderia colocar em perigo a imagem de sua própria masculinidade (BORRILLO, 2010: 89-90).

No cenário gay de Palmas, até 2010, quando foi fechada, a única opção de *boate* que havia era a “Damas de Paus” - DP. Criada em 2003, era o famoso bar do Jhony. A casa apresentava paródias, caricaturas das novelas e filmes daquele momento, além de *shows* de *gogo boys*, *gogo girls*, *drags* e transformistas.

A “DP” era um espaço acessível e livre a todos, de convívio e trocas, de encontros e relações, local para sair no final de semana para reencontrar amigos. Foi também o palco de ação política por ser uma das principais protagonistas na organização e realização das primeiras paradas LGBT no Tocantins.

Yanis Marshal, dançarino francês em coreografia para “*Applause*”, de Lady Gaga

Além do ambiente de bar e palco de



*show*,  
*room*,  
a  
*boate*  
tinha  
a  
dark  
*room*,

Fonte: Domínio público

e uma sala de projeção de filmes de sexo gay, que apesar de não ter uma infraestrutura espetacular igual à dos grandes centros, era o *hot point* de encontro gay da capital.

O que a DP representou como espaço público de sociabilidade gay, difere do *pub* Lanterna e da *boate The Cave*, uma vez que havia uma identificação do seu público com esse território; público esse que atualmente não frequenta nem o bar nem a boate.

Os poucos territórios públicos de sociabilidade heterossexuais existentes em Palmas, atualmente, são “permitidos” aos “gays normatizados” andarem

livremente, mas sem paquerarem e muito menos terem contatos afetivos e relações sexuais furtivas e esporádicas, muito menos beijaços.

Em uma sociedade androcêntrica como a nossa, os valores apreciados de forma especial são os masculinos; neste caso, sua “traição” só pode desencadear as mais severas condenações. Portanto, o cúmulo da falta de virilidade consiste em assemelhar-se à feminilidade, “disfarçar-se de *drag-queen*”, “assumir trejeitos femininos”, “maquiar-se para frequentar casas noturnas” ou “falar com uma vozinha aguda e efeminada” (BORRILLO, 2010: 88).

O que se observa é que devido as “marcações” dos dois únicos locais de sociabilidade gay em Palmas, aqueles “gays não anunciados”, “as masculinidades fingidas” ou os “falsos heteros” que têm condições econômicas melhores (homens, profissionais liberais, ou de carreira do alto escalão do governo estadual e federal) fazem com que estes procurem as capitais mais próximas como: Goiânia, Salvador e São Paulo para seus flertes, “caça” de *affair*, um caso amoroso, um corpo.

#### **5. O “corpo *whey protein*” das barbies versus o das pintosas.**

Nesse universo as barbies começam a se destacarem no cenário palmense, e são frequentes no *pub* Laterna acompanhados com outros “barbies”.

O termo *barbie* surgiu nos anos 1990, numa época em que a batida *techno* se popularizou nas boates e clubes, na chamada era *clubber*. A diferença entre o *barbie* e o *sarado* são recorrentes nas narrativas: o *sarado* tem o abdômen rasgado. O *malhado* é só um cara forte, mas não tem uma definição legal. Para ser *barbie*, tem que ser *malhado* e ser completo: abdômen, perna, braço e costas.

O termo “*barbie*” na linguagem gay refere-se a homens homossexuais que fazem atividades físicas e mantêm um corpo “*sarado*”, são os *fortões*.

Em geral, as “*barbies*” têm como ponto de encontro os clubes, as *raves*, as festas *after party* ou as *boates*. Nestas são tocados os subgêneros da *e-music* como: *techno*, *triphop*, *jungle*, *underground*, *hardstyle* e *trance*.

A *barbie* pode ser chamada também de “falso hetero” em função do seu corpo *sarado*, pavoneado com abdômen definido no estilo chamado “*tanquinho rasgado*”, que

são atributos importantes para o *voyeur2* gay. O jeito de se vestir com roupas quanto mais justas melhor, à moda goiana sertaneja, é cada vez mais a *vibe* (vibração) desses “falsos héteros” que atraem outras “barbies do universo gay em Palmas.

O fenômeno do culto ao corpo parte de um estágio em que o corpo é demonizado, escondido, fonte de vergonha e pecado e culmina com o corpo das academias e sua explosão de músculos, atingindo seu grau máximo de ilustração com a emergência e a multiplicidade das estratégias de *body-building*, as cirurgias estéticas, os implantes e a profusão de técnicas médicas, químicas, cosméticas e de vestuário (Fontes, 2007: 75).

Serginho, participante do Big Brother 10



Fonte: Domínio público

Já as “pintosas passivas” essas não têm vergonha de mostrar que são felizes, se enfeitam, até se maquam. É o público mais visível na *boate The Cave*. Estes são reconhecidos como gays.

Elas em geral, se vestem de maneira extravagante, *fashion*, e são reconhecidas pelas blusas coloridas, com personagens de desenhos, de suas musas da música e calças, *leggings* e seus tênis coloridos. Geralmente numa balada, jogam perna, dançam com os amigos em grupo, riem, choram e se divertem. Sem vergonha ou pudor algum.

O *closet*, armário de uma pintosa é geralmente 50% verniz, maquiagens que brilham no escuro, *glitter*, *glimmer*, sombras coloridas (de rosa choque a azul piscina), *piercings*. Usam tatuagens tribais, cabelos curtos atemporais com *sprays* e *musses* para encorpar fios finos e definir o repicado com novas texturas e formatos que variam de verde-limão, azul intenso a rosa chiclete.

O que se observou nos dois locais de sociabilidade de “pegação” gay em Palmas: no *pub* Lanterna e na *boate The Cave* é o perigo anunciado de reações homofóbicas dos “falsos héteros” que circulam “aparentemente tranquilos” com as barbies, nesse território

---

*2Voyeurismo* é uma prática que consiste em uma pessoa conseguir obter prazer sexual através da observação de outras. Essas pessoas podem estar envolvidas em atos sexuais, nuas, em roupa interior, ou com qualquer vestuário que seja apelativo para o indivíduo em questão, *o/a voyeur*.

que é Palmas ao completar seus 27 anos de criação como capital planejada, e povoada por uma população multicultural.

Entre os homens heterossexuais, um elemento considerado igualmente como facilitador da homofobia parece ser a inveja inconsciente em relação aos gays, percebidos como desvencilhados da obrigação de corresponder ao ideal masculino e como se tivessem sido beneficiados com maior liberdade sexual (BORRILLO, 2010: 97).

Geralmente os “falsos héteros” e as “barbies” saem de uma balada para outra e quando termina querem mais, o que provocaram a organização nesse território, de algumas baladas “*afters*” (depois, em seguida, na sequência), “porque ir para casa cedo não rola”. No entanto há registros de casos de violência física e assassinatos por conta da homofobia e da denegação de gênero.

As reações homofóbicas mais violentas, conforme BORRILLO (2010) são de pessoas, como os “falsos héteros” ativos, que lutam para ocultarem seus próprios desejos homossexuais.

Porque, nessa “sociedade do espetáculo” que insta a conquistar a qualquer custo a visibilidade e a celebridade midiática para poder “ser alguém”, a velhice é um direito negado. Ou, pelo menos, se envelhecer ainda é inevitável para todos aqueles que não morrem prematuramente, proíbe-se exibir o aspecto que os avanços da idade costumam denotar. Assim, em meio a uma crescente tirania das aparências juvenis, a velhice é censurada como algo obsceno e vergonhoso, que deveria permanecer oculto, fora de cena, e sem ambicionar a tão cotada visibilidade. Um estado corporal que deve ser combatido, ou, quanto menos, sagazmente dissimulado, por ser moralmente suspeito e, portanto, digno de humilhação. Não deve ser exibido (Sibilia, 2012: 149- 150).

A amostragem nos incentiva a pesquisar sobre os agendamentos que a midiaticização dos corpos mutantes, voláteis, sarados, lisos e glorificados provocam na sociabilidade gay em Palmas.

### **Concluindo ... lacrando: “já que é pra tombar, tombei” ...**

Queremos colocar em discussão a homofobia. “As duas formas específicas de hostilidade” (BORRILLO, 2010), contra os LGBTT: os “atos de discriminação” (fatos materiais) e os “discursos de ódio” (provocação à discriminação ou à violência).

Defendemos a homossexualidade como uma forma de sexualidade tão legítima quanto à heterossexualidade. Uma manifestação do pluralismo sexual, uma variante

constante e regular da sexualidade humana (BORRILLO, 2010), por conseguinte, denunciemos a homofobia geral, a homofobia clínica, a homofobia individual, a homofobia institucional, a homofobia específica, a jurídica e a social.

Na observação percebeu-se a homofobia velada do grupo das “barbies” em relação às gays de corpos feminizados das “passivas pintosas”, assim como em relação aos corpos das gays gordas e velhas.

Na nossa percepção há um risco eminente do aumento de práticas homofóbicas por este tipo de “falsos héteros” que penetra sem afeto, não beija na boca e, portanto, acha que não atraiçoa o seu gênero, porque para estes, gays são as “pintosas passivas” que devem ser rechaçadas quando se trata de locais de sociabilidade LGBTT em Palmas.

Nesse cenário corpos que pesam, passam a ser considerados, “Corpos parados, moles, preguiçosos, vistos como anacrônicos, obsoletos, doentes” (COUTO, 2012: 171). Não é apenas pelo corpo, por conta do corpo, seja ele, precarizado, invisibilizado, que as discriminações ocorrem. Corpos revelam diversidade e desigualdade ocultada.

Recusar a veracidade de um fato; negar. A não aceitabilidade da realidade. Denegar é a característica de uma situação que não foi permitida, que não foi concedida, ou seja, um fenômeno negado. Rechaçar, forçar a retirada, o recuo de; rebater, repelir. A denegação e o rechaçar são mecanismos de defesa em que o sujeito se recusa a reconhecer como seu, um pensamento ou um desejo que foi anteriormente expresso conscientemente. Nos tempos e espaços atuais “a diferença é uma realidade que suscita novos desafios para a escola e que não pode ser ignorada ou silenciada” (ANDRADE, 2015: 13).

**Referências bibliográficas:**

ANDRADE, Marcelo. (Org.). **Diferenças silenciadas:** pesquisas em educação, preconceitos e discriminações. Rio de Janeiro, RJ: 7Letras, 2015.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia:** história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010.

COUTO, Edvaldo Souza. **Corpos voláteis, corpos perfeitos.** Salvador, BA: EDUFBA, 2012.

COUTO, Edvaldo Souza. GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). **O triunfo do corpo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COUTO, Edvaldo Souza. GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpos mutantes.** Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2007.

COUTO, Edvaldo Souza. **Sexo além do sexo**: performances corporais e pedagogias eróticas. In: Revista Diversidade e Educação, v. 3, p. 8-12, 2015.

FONTES, Malu. Os percursos do corpo na cultura contemporânea. In: COUTO, Edvaldo Souza. GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpos mutantes**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2007.

LIPOVETSKI, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

ROCHA, J. Damião T. DAMIANA. Francisco. GALVÃO, Marina de Oliveira. OLIVEIRA, Alexsandro Pereira. **Conceitos e concepções sobre diversidade sexual nas conferências nacionais LGBTT e CONAE**. In: VII Simpósio de Educação do Campus de Palmas "Educar na(s) Diversidade(s)". UFT, campus de Palmas, 2010.

ROCHA, J. Damião T. DAMIANA. Francisco. **Tópicos da diversidade sexual nos currículos de Pedagogia da UFT**. In: Seminário de Educação, Gênero e Infância. UFT, campus de Tocantinópolis, 2011.

ROCHA, J. Damião T. GALVÃO, Marina de Oliveira. **Aspectos da diversidade sexual no curso de Direito da UFT**. In: Seminário de Educação, Gênero e Infância. UFT, campus de Tocantinópolis, 2011.

ROCHA, J. Damião. **As picadas abertas no cerrado**: ausência e emergência da diversidade sexual e de gênero nos currículos no Tocantins. In: ABEH, VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO. UFBA, Salvador- BA, ago, 2012.

ROCHA, J. Damião. GOMES, Geraldo. **Corpos remodelados de homens híbridos**: a cueca que virou *underwear* e suas estéticas midiáticas. In: ARTEFACTUM. Revista de Estudos das Linguagens da Arte e da Tecnologia. Nº1, 2013.

ROCHA, J. Damião. **Juventude LGBT e bullying homofóbico nas instituições educacionais**: relatos e debates de experiências no Tocantins. In: IRINEU, Bruna. FROEMMING, Cecilia Nunes. (Org.). **Gênero, sexualidade e direitos**: construindo políticas de enfrentamento ao sexismo e a homofobia. Palmas – TO: EDUFT, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**. São Paulo, SP: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação**. São Paulo, SP: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo, SP: Paulus, 2007.

SIBILIA, Paula. Imagens de corpos velhos: a moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais. In: COUTO, Edvaldo Souza. GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). **O triunfo do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOARES, Sergio Ricardo. SOUZA, Anderson de. **O lugar representado**: O Tocantins no cinema de si mesmo. In: VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Unicentro – Guarapuava, PR, abr, 2011.